

## *Prefácio à Trilogia*

---

Esta trilogia reúne os livros fundamentais de Francis Schaeffer em volumes separados. Schaeffer encarava esses três livros como essenciais para o entendimento de qualquer outra coisa que ele já havia escrito (vinte e três livros ao todo), e é aqui que ele lança o fundamento de toda a sua obra. Decidimos reeditar esses três livros em razão do sentido contínuo e relevância do pensamento de Francis Schaeffer. Na verdade, a maior parte dos seus escritos não nos parece menos atual hoje do que na época em que foram publicados pela primeira vez muitos anos atrás.

O que há de exclusivo na contribuição de Francis Schaeffer é a sua compreensão da desesperadora carência que o homem moderno tem da verdade, beleza e sentido da vida. Isto fica particularmente evidenciado no seu ministério do L'Abri, na Suíça, que foi fundado por Francis e Edith Schaeffer e se concentrava amplamente naquele lar. Milhares de pessoas vinham até o L'Abri: profissionais de todos os tipos e de todas as partes do mundo. Como Edith Schaeffer escreveu em seu livro *L'Abri*:

Em vez de estudar livros e mais livros em uma torre de marfim isolada da vida e desenvolver teorias alienadas do pensamento e das lutas do ser humano (Francis Schaeffer conversou durante muitos anos) com homens e mulheres bem em meio às lutas daquelas pessoas. Ele estabeleceu diálogo com existencialistas, positivistas lógicos, hindus, budistas, protestantes e católicos liberais, judeus reformados e ateus, muçulmanos, membros de seitas do ocultismo e

peças de uma ampla variedade de religiões e filosofias, bem como ateus de uma grande variedade de tipos. Ele conversou com os mais brilhantes professores, os mais brilhantes estudantes, os mais brilhantes evadidos. Conversou com beatniks, hippies, dependentes de drogas, homossexuais e pessoas com distúrbios psicológicos. Conversou com africanos, indianos, chineses, coreanos, japoneses, sul-americanos, pessoas das ilhas de todos os mares, da Austrália e Nova Zelândia e de todos os países europeus bem como dos Estados Unidos e do Canadá. Conversou com pessoas de cores políticas bem distintas. Ele dialogou com médicos, advogados, cientistas, artistas, escritores, engenheiros, pesquisadores de vários campos do saber, filósofos, homens de negócios, jornalistas e atores, pessoas famosas e camponeses.

Com tudo isso, Deus lhe deu uma formação que é privilégio de poucos. As respostas foram encontradas, não em decorrência de alguma pesquisa acadêmica (embora ele costumasse ler livros e mais livros para se manter atualizado), mas a partir desses diálogos vivos. Ele respondia a questões verdadeiras com respostas cuidadosamente elaboradas e que eram, de fato, as respostas verdadeiras. Ele fica entusiasmado toda vez que se dirige a mim, frequentemente dizendo: “Esta é a resposta certa, Edith! Ela se encaixa. É verdade mesmo, e porque é verdade, ela se encaixa com a realidade”.

Foi a partir desse encontro com pessoas de verdade, com necessidades verdadeiras, que Francis Schaeffer escreveu os livros que compõem a sua trilogia. Podemos dizer, de maneira sumária, que eles se relacionam um ao outro do seguinte modo:

*O Deus que Intervém* (no original, *The God Who Is There*) foi escrito em primeiro lugar e lança os fundamentos, estabelece a terminologia e propõe a tese básica. Neste livro, Francis Schaeffer mostra como foi que o pensamento moderno abandonou a ideia de verdade, com trágicas consequências para todas as áreas da cultura – desde a filosofia, até a arte, música, teologia e na sociedade como um todo. A única esperança, argumenta Schaeffer, está em confrontar a nossa cultura com a verdade histórica do Cristianismo – apresentada com

paixão e sem concessões, e vivida de maneira completa, em todas as áreas da vida individual e comunitária.

*A Morte da Razão* (no original, *Escape From Reason*) complementa o primeiro livro desenvolvendo esses princípios no campo filosófico da natureza e da graça. Além disso, *A Morte da Razão* tem uma contribuição significativa, no sentido de mostrar como a cultura moderna nasceu e se expandiu a partir de raízes corrompidas, vindas desde o final da Idade Média.

*O Deus que se Revela* (no original, *He Is There and He Is Not Silent*) foi o último a ser escrito nessa trilogia. Como o autor explicou em suas próprias palavras: “Esse livro trata de uma das questões mais fundamentais de todas: como é que podemos vir a saber e como podemos saber que sabemos. Se a nossa epistemologia não estiver correta, todo o restante acabará igualmente comprometido”. Assim, Schaeffer pondera que o pensamento moderno está fundamentalmente errado em suas posições quanto a como sabemos e o que sabemos. Contrastando com o silêncio e desespero do homem moderno, Schaeffer mostra que podemos de fato conhecer o Deus que existe porque ele se revela.

Não seria exagero afirmar que esses três livros produziram um impacto profundo em toda uma geração de cristãos nas últimas décadas. Reeditando essas obras agora é nossa esperança que a aguçada percepção de Francis Schaeffer ajudará outras gerações em busca da verdade, beleza e significado da vida.

## *Prefácio de J. I. Packer*

---

### **Francis A. Schaeffer O homem e sua visão**

Ele era fisicamente baixo, de frente proeminente, sobrancelha abundante e cavanhaque. Suas pernas americanas viviam confortavelmente metidas em bermudas dos Alpes, sua cabeça se enterrava nos ombros e o seu rosto carregava um ar de brilhante abstração. Nada especial nele, imaginaria alguém; sem dúvida, um homem sério e resoluto, quem sabe um tanto excêntrico, mas dificilmente alguém o consideraria especial, por tais motivos.

Cativante, contudo, era o que ele dizia. Tinha firmeza, uma visão que convencia; delicadeza, uma força que convencia; clareza simples, habilidade mental que convencia; e compaixão, um honesto e bom coração que convencia. Não havia qualquer sinal de espírito enganoso, nenhuma parcialidade redutora, nenhuma forma de manipulação, só a pura capacidade de persuasão do profeta que se apressa em compartilhar com os outros o que ele está vendo.

Quem foi Francis Schaeffer? Schaeffer foi um homem que tinha o hábito da leitura e reflexão, que vivia no presente, aprendia com o passado e voltava os olhos para o futuro, e que tinha o dom incomum de comunicar ideias, sem cair no academicismo. O seu estilo de comunicação não era o de um acadêmico meticuloso, que se empenha pela abordagem completa e pela objetividade imparcial. Ele era muito mais um pensador imparcial que pintava a sua visão da verdade eterna com linhas grossas e fortes contrastes.

Os acadêmicos nunca se cansaram de censurar Schaeffer por esta sua forma de comunicação. Mas é um fato que muitos jovens pensadores e artistas, em seu agravado ódio de todas as correntes da moda em seus campos profissionais, consideravam as análises de Schaeffer uma tábua de salvação para voltar à sanidade mental, sem a qual eles literalmente não conseguiam continuar vivendo. Schaeffer assumia-se como um evangelista, chamado para dizer a verdade com intransigente urgência a pessoas reais que estavam com problemas de verdade, que tinham as suas vidas destruídas pelo relativismo, irracionalismo, fragmentação e niilismo da cultura de hoje. Assim, eu consideraria o mais correto chamá-lo de pastor-profeta, um visionário baseado na Bíblia que, à luz da sua visão, saiu à procura de um mundo carente e passou a pastorear as ovelhas do Senhor.

O que conferia a Schaeffer a sua importância? Para entender isso melhor, seria útil esboçar as percepções essenciais que deram forma à sua visão e obra.

Em primeiro lugar, Schaeffer tinha uma viva percepção da natureza integral da realidade criada, da vida humana, do pensamento das pessoas e da verdade revelada por Deus. Ele tinha facilidade para compreender primeiros princípios, sistemas e totalidades, e jamais discutia assuntos de maneira isolada ou abandonava algum ponto de vista, sem antes explorá-lo e testar as suas implicações como tentativa de explicação da realidade e da vida como um todo. Ele considerava análises fundamentais deste tipo muito esclarecedoras, pois, como ele mesmo costumava frisar, não há essencialmente grande quantidade de visões de mundo e nós todos temos a necessidade de perceber quanto os nossos pensamentos fortuitos, que tantas vezes permanecem apenas no nível superficial, estão, de fato, assumindo como evidente. Assim, a identificação de pressupostos era um elemento essencial ao método que Schaeffer adotava para abordar toda e qualquer opinião sobre qualquer assunto. Ele sempre apresentava a religião cristã pautada pelos pressupostos do próprio Cristianismo e de uma maneira teologicamente sistemática, como sendo as boas novas reveladas pelo nosso Criador, que é racional e sagrado e se tornou o nosso Redentor gracioso e misericordioso, no espaço e no tempo.

Em segundo lugar, Schaeffer percebia a primazia da razão em cada constituição individual e o potencial das ideias na mente humana. Ele

via que as “ideias têm pernas”, de modo que o nosso modo de pensar determina o que nós somos. Assim, a primeira tarefa na evangelização, seja no Ocidente moderno ou em qualquer outro lugar, é de persuadir a outra pessoa de que ela deve abraçar a visão cristã da realidade. E o primeiro passo para tanto é de convencê-la da *inviabilidade* de todas as outras visões, incluindo qualquer outra forma de não-Cristianismo implícita no seu próprio pensamento. Isto significa tratá-la não como algum “intelectual”, mas como um ser humano que sem dúvida ela é. Remeter-se à sua mentalidade dessa forma, nada mais é do que mostrar respeito por ela, como ser humano, feito para a verdade porque feito à imagem de Deus.

Em terceiro lugar, Schaeffer percebia que a mente ocidental encontra-se à deriva num mar de relativismo e irracionalismo. Ele via que a noção de verdade, entendida como algo que implica na exclusão das inverdades e dos valores, entendidos como algo que envolve a exclusão dos antivalores, extinguiu-se, tanto no pensamento sofisticado quanto no popular. No seu lugar instalou-se a ideia de síntese contínua – a noção de que provavelmente não haja distinção real entre o certo e o errado ou a verdade e a inverdade e que toda antítese provavelmente acabará sendo absorvida por um “pan-tudismo” sem critérios.

Para fazer as pessoas se darem conta de como elas têm sido vítimas dessa forma de pensar ao longo da vida, Schaeffer costumava introduzir os seus temas com uma análise histórica, mostrando como foi que o pensamento ocidental a este respeito alcançou o seu atual estado de delírio. O objetivo das análises era resgatar a noção de que há uma antítese absoluta entre verdade e erro, bem e mal, beleza e a feiúra obscena, e assim, remobiliar as nossas mentes destruídas e assaltadas, de maneira que torna outra vez possível para nós o pensamento significativo sobre a vida, a morte, a personalidade e Deus.

Em quarto lugar, Schaeffer percebeu a importância de identificar – em todas as discussões apologéticas e evangelísticas e em todo o ensinamento sobre o que implica ser um cristão – isto que ele chamou de antítese e ponto de tensão. A antítese é entre verdade e inverdade, o certo e o errado, o bem e o mal, o que tem sentido e o que é absurdo, sistemas de valores cristãos e não-cristãos, absolutismo cristão e relativismo secular. Ele decidiu que, em cada tópico que tratasse, abordaria

as escolhas “ou isso ou aquilo” que deveriam ser feitas na esfera dos princípios primeiros e mostraria que as alternativas bíblico-cristãs para a vida pessoal e comunitária são as únicas que possuem consistência racional ao mesmo tempo em que são suficientemente humanas. Deste modo ele buscava resgatar mentes desnorteadas e desnorteantes, em relação às opções ontológicas que se apresentam ao indivíduo, e em relação às alternativas éticas disponíveis no mundo ocidental contemporâneo.

Em quinto lugar, Schaeffer percebeu a necessidade de se viver a verdade tanto quanto de refletirmos nela – para assim provar ao mundo, por meio do modo de vida transformado dos crentes, que o “Deus infinito-pessoal é uma realidade na nossa geração”. O L’Abri, que se situa em Huémoz, na Suíça e as suas filiais, espalhadas por todo o mundo, foi fruto desta convicção. Cada L’Abri é um centro de estudos, uma missão de resgate, uma grande família, uma clínica, um lar de recuperação, um monastério e uma igreja local, tudo de uma vez: um ambiente em que os visitantes aprendem a serem cristãos e a serem humanos, sendo parte de uma comunidade que crê em Deus, o Criador e o serve por meio de Cristo, o Redentor.

Schaeffer reconhecia que a credibilidade do Cristianismo exige que a verdade não seja meramente defendida, mas também praticada; não só discutida, mas também vivida. A consciência de que a verdade de Deus estava se realizando no L’Abri alimentava a sua ousadia ao pleitear que a mesma verdade fosse praticada em outros lugares.

Que importância terá Schaeffer para a causa cristã, a longo prazo? Aguardemos para ver. A lei da fama humana certamente tratará Schaeffer do mesmo modo como fez a outros, esquecendo-se dele temporariamente, agora que ele morreu, e permitindo-nos ver a sua real estatura só daqui a mais dez ou vinte anos. Meu palpite é que os seus esboços verbais e visuais, que me parecem simples, porém brilhantes, sobreviverão a tudo o mais, mas eu posso estar enganado. O que é certo para mim, entretanto, é que eu não estaria totalmente errado em homenagear Francis Schaeffer, o pequeno pastor presbiteriano que viu bem mais do que procurou e sofreu com isso mais amorosamente do que nós, como um dos verdadeiramente grandes cristãos do meu tempo.

J. I. Packer  
Fevereiro de 1990

## *Prefácio do Autor*

---

Com a nova publicação de *The God Who Is There* e *Escape From Reason* em um só volume<sup>1</sup>, vimo-nos em face de um dilema. Eu havia escrito *The God Who Is There* primeiro. Então, antes da sua publicação, dei uma série de palestras em Swanwick, Inglaterra, que eu chamei de “Escape From Reason”. Mal imaginava eu, na época, que as palestras seriam publicadas, de modo que eu acabei aproveitando, até certo ponto, o mesmo material de *The God Who Is There*. Ao final dessas palestras, a British InterVarsity me pediu permissão para publicar as palestras em forma de livro. Eu o fiz e fiquei contente com o seu uso tão amplo. Embora escrito mais tarde, *Escape From Reason* foi lançado antes de *The God Who Is There*.

Quando acabamos juntando tudo num só volume ficamos divididos entre dois caminhos. Editar os dois, um após o outro, acabaria gerando alguma duplicidade. E, se excluíssemos o *Escape From Reason*, enquanto um corpo, muitos leitores poderiam sentir como se tivessem perdido um velho amigo que já lhes foi de grande ajuda.

Primeiro eu procurei então fazer uma combinação dos dois, mas acabou ficando claro que isso não daria certo. O problema não estava em juntá-los em corpo articulado; essa parte era fácil. O problema estava no conteúdo mesmo, que incluía fatos bem diferentes e nuances que se perderiam em meio aos assuntos comuns, tratados em ambos os

---

<sup>1</sup> O autor se refere à publicação de suas *Obras Completas*, de 1982.



livros, que são igualmente necessários para se entender como viemos parar onde estamos hoje.

*Escape From Reason* foi originalmente apresentado em forma de palestras. Dado o grupo ao qual eu estava ministrando, em cada palestra dei uma ênfase especial ao sentido que o pensamento moderno tem para o pensamento cristão. De modo que voltava a tocar neste tema em diferentes momentos e não em uma seção, como no caso de *The God Who Is There*, que foi planejado e escrito já em forma de livro.

Se eu fosse dar essas palestras novamente, faria o mesmo, pois grande parte do pensamento cristão de hoje continua a ignorar a sua própria impregnação pelas formas de pensamento predominantes nos meios atuais. Quando ministrei as palestras pela primeira vez, o problema e a confusão sempre vieram da parte de profissionais da área das ciências. Hoje, eles me são colocados pelo lado teológico; no entanto, as dúvidas e questionamentos são precisamente os mesmos, só que ainda mais destrutivos. Portanto, é tão importante hoje, como foi nos anos 60, enfatizar a nossa urgente necessidade de entender o sistema moderno de pensamento como um todo, reconhecendo nele a dicotomia e o desesperado “salto no escuro”. Se quisermos verdadeiramente desafiar o homem moderno, não devemos alimentar essa dicotomia; precisamos ter as Escrituras falando a verdade, tanto sobre o próprio Deus quanto sobre o mundo real da História e do cosmos.

Francis Schaeffer, 1982.